

Ecoss de *O segundo sexo* nas obras feministas de Heloneida Studart

Reverberations of The second sex in Heloneida Studart's feminist works

Evelyn Mello

Pós-doutoranda em Estudos Literários pela UFSCar
evy_mello@yahoo.com.br

Resumo: Heloneida Studart é uma autora cearense que, apesar de pouco explorada, é de suma importância para o cenário da literatura brasileira bem como para a configuração da onda feminista da década de 1970. Autora de romances e jornalista, Studart acrescentou à sua produção, obras que contribuíram para uma tentativa de problematizar a condição da mulher na sociedade brasileira e, dentre as influências que perpassam as obras nomeadas *Mulher: brinquedo do homem?*, *Mulher, objeto de cama e mesa* e *Mulher: a quem pertence teu corpo?*, é clara a intertextualidade com a filosofia de Simone de Beauvoir, principalmente ao constatar a condição de segundo sexo da mulher brasileira e os percalços de tal condição em sua formação como indivíduo. Nesse sentido, pretende-se resgatar e problematizar o trabalho de Heloneida Studart à luz de *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir, a fim de compreender como ecoss deste clássico francês, embora não declaradamente feminista, pôde contribuir para a construção dos pilares do feminismo radical no Brasil.

Palavras-chave: Heloneida Studart; Simone de Beauvoir; Feminismo no Brasil.

Abstract: *Heloneida Studart is an author from Ceará State, in Brazil, who, despite being less famous among literary critics, is very important for the scene of Brazilian Literature in the 20th Century, for the feminist movement of the 1970s. A novel writer and a journalist, Studart produced many works that contributed for questioning Brazilian women's condition. The presence of Beauvoir's philosophy is quite clear in Studart's research and works, as in Mulher: brinquedo do homem?, Mulher, objeto de cama e mesa and Mulher: a quem pertence teu corpo. This is more visible when Studart stresses the marginal condition of Brazilian women and the consequences of this problem on her social construction as an individual. Therefore, this will be my main aim here: to point and problematize Studart's work in the light of Simone de Beauvoir's work, specially O segundo sexo (1949) and thus be able to understand how Beauvoir, although not define herself as a feminist, contributed for the construction of a radical feminist discourse in Brazil.*

Keywords: Heloneida Studart; Simone de Beauvoir; Brazilian Feminism.

Introdução

Heloneida Studart foi uma figura importante na estruturação da segunda onda feminista no Brasil, marcando a década de 1970 como um momento de debates e revisão do que se entendia como “feminino” ou “de mulher”, chegando à conclusão semelhante à defendida por Simone de Beauvoir (s.d., p. 12) de que “se hoje não há mais feminilidade, é porque nunca houve”, contrapondo-se, portanto, à mística feminina ou ao “eterno feminino”. Em nosso país tal debate recebeu forte influência de teorias que se apoiavam no clima de revolução sexual, tais como afirmavam estudos de teóricas como Kate Millet (1970) e Betty Fridan (1971), as quais, respectivamente, problematizavam o sexo como uma arma política de opressão e divisão de papéis sociais e o “mal sem nome”, expressão criada por Betty Fridan (1971), para caracterizar o esgotamento emocional que acometia as mulheres de classe média, enfadadas e encolhidas em sua vida doméstica, cercadas de aparelhos domésticos e solidão.

Entretanto, apesar de que o feminismo buscava se radicalizar, principalmente porque, em palavras de Studart (1990), a ditadura militar levava tudo à radicalização e, com as mulheres não se deu de forma diferente, a obra de Simone de Beauvoir, apesar de não haver sido considerada como feminista à época de sua publicação, ofereceu um norte importante no direcionamento de debates. As obras de Heloneida Studart podem exemplificar o aproveitamento das ideias defendidas por Beauvoir, em especial no que tange o questionamento do dado biológico como determinante para a caracterização da identidade da mulher, bem como para a elaboração/definição/cristalização de seus papéis em sociedade, o que resultou, ao longo da história em sua categorização como segundo sexo, marginalizada, portanto, do universo construído pelo/para o homem.

Tal asserção pode ser facilmente confirmada pela obra *O segundo sexo*, a exemplo de discursos, reproduzidos e debatidos por Beauvoir, tais como as afirmações de filósofos responsáveis pela formação dos pilares da cultura ocidental: “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher”, enunciado por Pitágoras (BEAUVOIR, s.d., p. 9); “A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades”, em palavras de Aristóteles (BEAUVOIR, s.d., p. 14); ou ainda o conceito de que a mulher seria um homem incompleto, conforme conclusões de Tomás Aquino (BEAUVOIR, s.d., p. 14). Beauvoir, em sua obra, não somente desmente tais estereótipos como traça uma série de outras influências sociais políticas e culturais diretamente responsáveis pelas mazelas femininas.

Igualmente, como intelectual ativamente participante de seu tempo, Studart teve a oportunidade e a sensibilidade, como jornalista, de conviver com dramas pessoais de mulheres, desde mães, como Zuleika Angel Jones, buscando notícias do filho, morto pelo regime militar, até donas de casa, jovens desorientadas quanto a sua própria sexualidade e, acima de tudo, da forma como os assuntos femininos eram tratados pelas revistas, reforçando estereótipos de submissão e alienação. Foram estas percepções, além, evidentemente, de sua experiência pessoal, que deram o tom de suas obras feministas, e puderam ajudar a construir base para a verificação de como o machismo se encontrava entranhado no imaginário cultural brasileiro, reproduzindo discursos

como os denunciados por Beauvoir em suas obras e, ao mesmo tempo, influenciado pelo passado histórico de formação do Brasil, calcado em ideais patriarcais.

Como mulher, Heloneida Studart pode ser considerada de vanguarda, pois, nascida no Ceará, em família tradicional, da linhagem do barão de Studart, os ares de casa grande e senzala marcaram a formação da autora, que afirma haver sido repreendida inúmeras vezes pela família, uma vez que estava sempre “rodeada pelas negras da cozinha”, empregadas loiras de olhos azuis, mas “negras”, isto é, subalternas do ponto de vista da família de raízes nobres. Não obstante, apesar da rígida formação, também fazia parte da família o espírito revolucionário, uma vez que o tio da autora havia sido expulso de casa ao ajudar escravos da família a fugir e buscar por horizontes mais agradáveis, característica esta que pode ser notada no trecho abaixo, parte de uma entrevista cedida à Fundação Getúlio Vargas:

Fui criada dessa maneira, mas havia também o lado da família do meu pai, dos Bezerra de Menezes, que sempre foi profundamente subversivo. Meu trisavô Antônio Marcos Bezerra de Menezes foi o ministro da guerra da Confederação do Equador, aquele famoso movimento libertário que houve no Nordeste, e foi condenado à morte pela Coroa. Meu tio Antônio Bezerra de Menezes, que também dá nome a uma famosa avenida de Fortaleza, foi o abolicionista mais destacado do Ceará e por isso foi deserdado e posto para fora de casa pelo pai, fazendeiro conhecido. Ele roubava os escravos das fazendas dos amigos do pai, colocava-os em jangadas e ia libertá-los no Rio Grande do Norte. Até que o pai descobriu essas façanhas... Fui, portanto, uma pessoa colocada numa espécie de encruzilhada. (STUDART, 2003, p. 3)

Parece que este último exemplo foi o que ditou as aspirações da autora que, revoltada diante de tanta opressão, iniciou seu espanto diante do mundo que se destinava às mulheres, quando, com apenas 7 anos, escutou pela primeira vez de sua tia: “mulher não tem querer”. Ao longo de sua vida, o discurso reacionário das mulheres da família, que desdenhavam de seus sonhos, tendo-os por devaneios ou caprichos de menina, impulsionariam os desejos libertários de Studart.

Como consequência, a autora não guardou as palavras familiares como irrevogáveis e, ainda jovem, publica sua primeira obra e decide mudar-se para o Rio de Janeiro, uma vez tendo compreendido que não haveria condições de construir um caminho profissional se permanecesse em solo familiar. Tendo se estabelecido em seu novo destino, Studart, encorajada pela escritora Raquel de Queiroz, sua parente distante, publica seu primeiro romance, *A primeira pedra*, em 1953, e começa a atuar como jornalista. A militância política foi resultado de seu trabalho no Serviço Social do Sesi, ocasião em que escreveu uma tese sobre favela, o que lhe garantiu um posto para trabalhar com uma biblioteca ambulante fornecedora de livros para conjuntos habitacionais de trabalhadores.

Paralelamente a esse trabalho, já fazia parte da equipe dos jornais Correio da Manhã e do Diário de Notícias. Foi nessas condições que Studart conheceu, em 1963, José Cândido Filho, militante do Partido Comunista, de quem recebeu convite para criar o Senalba (Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais, Recreativas, de Assistência Social de Orientação e Formação Profissional do Município do Rio de Janeiro). Sindicato criado, Heloneida Studart passa a ser a vice-presidente de uma instituição

que pretendia, às vésperas do golpe militar, politizar sua categoria. Quando o AI-5 (Ato Institucional número 5) foi promulgado, Studart ocupava o posto de presidente do sindicato, o qual havia aceitado a fim de blindar José Cândido, que já se encontrava na mira do DOPS. Mesmo sabendo os riscos de aceitar tal função e já com seis filhos, Heloneida não pensou em recuar, passando a conciliar filhos, profissão, casamento e os tumultos da vida política. Dias após a instituição do famigerado Ato Institucional número 5, tido como o Golpe dentro do Golpe, a autora foi destituída de seu cargo e pouco depois efetuou-se sua prisão, tendo sido encarcerada nas dependências do presídio São Judas Tadeu.

Em tempos de democracia protagonizou o cenário político como deputada, tendo passado pelo MDB, participou da criação do PSDB e depois filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT). Em 2005, Heloneida foi uma das 52 mulheres brasileiras incluídas numa lista de mil de todo o mundo, indicadas pela Fundação de Mulheres Suíças ao Prêmio Nobel da Paz. Em 2007, sem mandato, foi nomeada diretora do Centro Cultural e do Fórum de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio Jornalista Roberto Marinho, da Alerj. Pode-se afirmar, portanto, sem riscos de exagero, que em sua história pessoal, a autora recusou-se a aceitar o papel de segundo sexo, ajudando a escrever com novas tintas a história da mulher brasileira no século XX, sendo destaque na luta pela licença-maternidade de 120 dias e criadora da lei que garante às mães pobres testes gratuitos de DNA para responsabilizar pais, como se pode conferir em reportagem de *O globo*, publicada em 1º de dezembro de 2017.

Em suas obras feministas tal preocupação é explícita e, de forma didática, cumpre papel semelhante ao proposto por Simone de Beauvoir em sua obra *O segundo sexo*. Para que se compreendam os pontos de contato que permitem afirmar que Studart se preocupou em construir uma espécie de projeto “segundo sexo à brasileira”, é interessante rever a estrutura da obra de Beauvoir, pois dessa forma se pode visualizar melhor os contornos de sua teoria, aproveitados na construção do caminho teórico proposto por Studart.

Ecos de O segundo sexo em Studart

Nos dois volumes de *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir se dedica a questionar e desconstruir papéis estabelecidos para a mulher, sendo que, no primeiro volume, em sua primeira parte, dedica-se a debater e contestar os dados da biologia que buscam um destino pré-definido para a fêmea, pois, para Beauvoir (s.d., p. 63): “(...) a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana”. Da mesma forma, ainda referente ao volume 1 de *O segundo sexo* (s.d), a autora questiona o ponto de vista psicanalítico, o qual atribuía à mulher uma tendência natural ao masoquismo, vocação para frigidez e ponto de culminância obrigatório de neurastenias, sendo, portanto, a mulher histórica por inclinação e vocação. Por último, a autora dialoga com o materialismo histórico e a condição da mulher na sociedade de classes. A segunda parte da obra se dedica a resgatar como a figura da mulher foi condicionada, descrita e moldada pela sociedade

patriarcal; na terceira parte resgata os mitos e como as mulheres foram representadas pela pena masculina.

Como centro de sua primeira obra está a afirmação da mulher constituída como outro/negativo, em oposição ao homem positivo/neutro, posto que a ele está designada toda a humanidade, em outras palavras, cito Beauvoir (s.d., p. 13): “a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo”. Desta forma, compreende-se que todo o discurso-definidor da mulher, na realidade, é a visão dos homens sobre as mulheres, sem direito à contestação ou participação da parte interessada em sua construção, valendo-lhe, portanto, papel secundário.

Igualmente, a percepção de que a mulher não é mulher, mas torna-se, no sentido de que os homens ditam, por meio de padrões de feminilidade as diferenças entre ser fêmea, ser dotado de útero, e ser mulher, no sentido de alcançar-lhes as listas de exigências para merecer ser nomeada como mulher. Para ilustrar tal exortação, Beauvoir exemplifica expressões como:

(...) dizem-nos que a feminilidade “corre perigo”; e exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres”. Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. (BEAUVOIR, s.d., p. 11)

Em *O segundo sexo 2: A experiência vivida*, a autora examinará a condição da mulher partindo de posições plurais, tais como a sexual: dividindo seus estudos a partir da formação na infância e na adolescência (a moça); a iniciação sexual e a homossexualidade (a lésbica); a social/política: explorando a vida da mulher casada e suas implicações, também problematizando tópicos tais como a mãe, a vida social das mulheres, a condição das prostitutas e hetairas, explora os caminhos da maturidade à velhice e, por último, a situação da mulher e a sua formação de caráter e, como última instância, explora a parte psicológica a partir dos tipos narcisista, amorosa e mística. A derradeira parte é destinada à mulher independente, à qual a autora nomeia como “A caminho da libertação”.

Tal estrutura apontada por Simone de Beauvoir está presente nas obras escritas por Heloneida Studart, as quais, por diferentes vias, procuram repetir a análise da mulher como outro, ou como segundo sexo, mas fundamentalmente, na condição da mulher brasileira, resgatando, para tanto, as peculiaridades políticas de nossa formação cultural, buscando inserir o feminismo como ferramenta de crítica à situação da mulher na sociedade brasileira. As obras apontadas são: *A mulher: brinquedo do homem?*, publicada pela Editora Vozes, em 1969; *Mulher: objeto de cama e mesa*, publicada pela coleção Cosmvisão (editora Vozes), em 1974 e *Mulher: a quem pertence teu corpo?* publicada em 1990, pela editora Vozes. Também é autora, em parceria com Wilson Cunha, de um ensaio jornalístico intitulado *A primeira vez... à brasileira*, publicado em 1976, pela editora Nosso Tempo.

Em sua obra *A mulher: brinquedo do homem?* há a preocupação central de buscar dados sobre a situação da mulher na sociedade brasileira, apontando números e estatísticas referentes ao percentual de mulheres incorporadas à produção, nos serviços públicos, nas universidades e inseridas em atividades científicas, chegando à conclusão

de que, no mundo, a mulher permanecia oprimida. Por conseguinte, a autora afirma que os direitos adquiridos pela mulher foram abstratos, pois ainda se encontravam fora do campo social pertinente às ações e às decisões.

Ou seja, em outras palavras, a mulher seguia sendo “brinquedo do homem”, ou, como a própria autora define: “coisificada”, posto que “a coisificação” da mulher é uma coisa, um fenômeno de grande força na nossa sociedade” (STUDART, 1969, p. 69). É importante ressaltar que nesta obra, Heloneida Studart escreve uma espécie de *Segundo sexo* à brasileira, em linguagem didática, e estrutura semelhante à de Simone de Beauvoir, ao resgatar os vários tipos de opressão que a figura da mulher sofreu desde a antiguidade, retomando a polêmica da existência de um possível matriarcado, analisando como foi projetada e formatada a figura da mulher ao longo dos anos, de forma direta e resumida, até chegar à situação específica da mulher brasileira.

Para Heloneida Studart (1969), há, no Brasil, uma cumplicidade diacronicamente construída, proposital, a fim de manter a mulher passiva em seu destino para a servidão. A autora, ainda enfatiza que tal fenômeno

Verifica-se (...), o sintoma doloroso da cumplicidade das mulheres com a sua própria servidão. Não é um fenômeno insólito, pois que se verifica em outros lugares, mas no Brasil é um fenômeno particularmente agudo. Virá talvez da nossa formação sociológica. Terá que ver com a influência da escravatura e com a influência do catolicismo português, trazido pelos nossos colonizadores, e em que a mulher era sobretudo “a serva do Senhor”, mas não do Senhor Deus; a serva do senhor pai e do senhor marido e ainda do senhor cura. (1969, p. 54)

Adotando essa linha de pensamento de que as mulheres seriam cúmplices da servidão, Heloneida Studart se aproxima da conclusão de Simone de Beauvoir de que o opressor não seria tão forte se não contasse com a colaboração do oprimido, reforçando o fato de que “a mulher está votada à perpetuação da espécie e à manutenção do lar, isto é, à imanência” (BEAUVOIR, 1980, p. 169). Outra clara correspondência à obra de Beauvoir é o trecho abaixo, utilizado por Studart, para demonstrar a formação para a submissão recebida pela mulher, sendo muito semelhante ao utilizado por Simone de Beauvoir em *O segundo sexo: a experiência vivida* (1980). A fim de elucidar e confirmar a relação entre opressor e oprimido, traduzida na educação voltada à submissão, oferecida à mulher, seguem os trechos relativos às obras de Heloneida Studart e Simone de Beauvoir. Primeiramente, para Studart:

Quando ela nasce não é menos inteligente e viva que seu irmãozinho. Revela aos cinco anos a mesma imaginação, capacidade inventiva, iniciativa. Mas já então o sistema “dois pesos, duas medidas” começa a impor-se à mulher. Ao seu irmãozinho é permitido sujar os sapatos, rasgar as calças, expandir sua energia em jogos brutos e brigas. A ela vestem com coisas bonitinhas que é preciso não amarrotar, não sujar. Põem-lhe laços no cabelo, pulseirinhas, anáguas. Não deve entregar-se a jogos brutos porque “é uma mocinha, uma mulherzinha”. Metade de sua energia é recalcada, comprimida. Ofendida, não deve distribuir murros. Moças não fazem isso. (1969, p. 79)

Igualmente, em *O segundo sexo 2: a experiência vivida* (1980) é possível encontrar uma explanação sobre as limitações da educação oferecida à mulher, sobressaindo

uma clara tendência a preservar o aspecto de submissão da figura feminina, no claro intento de limitar os papéis sociais possíveis de se atribuir à mulher:

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e sua sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se em si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com os colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo com um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta; orgulha-se dos músculos como de seu sexo; através de jogos, esportes, lutas, desafios, provas, encontra um emprego equilibrado para suas forças (...). Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu “ser-outro”; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos (...). Mas os costumes se opõem a que as meninas sejam tratadas exatamente como meninos. (BEAUVOIR, 1980, p. 21-22)

Outro ponto de intersecção com a teoria de Beauvoir é o fato de que Studart afirma ser nítido que a mulher brasileira é aliada do “mito da feminilidade”, “que ao mesmo tempo a engrandece e amesquinha” (STUDART, 1969, p. 70), adotando um componente masoquista de que “sofrer faz parte da sina feminina” (STUDART, 1969, p. 71), portanto, coloca-se em oposição à categorização de “mistério feminino” e “eterno feminino”, considerando tais conceitos como dados inexistentes, “não existe senão na cabeça de todos aqueles que querem manter a mulher marginalizada” (STUDART, 1969, p. 58), uma vez que, segundo a própria autora, “mitificando a mulher, torna-se fácil negar-lhe sua condição de igual e companheira” (STUDART, 1969, p. 59).

Em sua segunda obra, *Mulher: objeto de cama e mesa*, de forma irônica e ácida, a autora dará continuidade ao que havia iniciado na obra anterior: um estudo sobre as situações de opressão que condicionam o comportamento e a formação da mulher. Usa como exemplo a convivência que teve com mulheres em situação de cárcere doméstico quando esteve desempregada, bem como as pautas da revista feminina onde trabalhou (STUDART, 1974, p. 9): “como prender um homem para toda a vida”; “a melhor maneira de aproveitar os vestidos do ano passado” e, claro, “as 10 melhores maneiras de conquistar um homem”. E conclui com uma pergunta (STUDART, 1974, p. 9): “quem pode censurá-las se elas parecem retardadas mentais?”.

Por isso, a autora afirma que as mulheres compõem uma “multidão de cérebros desperdiçados” (STUDART, 1974, p. 13) e ainda ironiza: “10 bilhões de neurônios para fazer uma feijoada.” (1974, p. 13). Nesta obra, irá introduzir discussões feministas com base em Simone de Beauvoir, cuja citação aparece quase imperceptível à página 20, entre correntes, e com o nome da filósofa minúsculo abaixo do trecho, no qual afirma (STUDART, 1974, p. 20): “A mulher, ainda quando prostituta, é conservadora: Zazá, de Honoré de Balzac, era contra a república”.

Com a obra *Mulher, a quem pertence teu corpo?*, a autora viria a completar os estudos sobre o corpo da mulher como objeto do homem, ou seja, construído politicamente para a manutenção do poder e, por extensão, do prazer do homem. Aqui, uma vez mais, é possível verificar que a semelhança entre as posições teóricas de Studart e Beauvoir não perfazem mera coincidência, pois é possível identificar abaixo, no trecho de Simone de Beauvoir, o mesmo contorno teórico evocado por Heloneida Studart para a estruturação de suas ideias:

(...) A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem a realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade. (...) se corpo e sexualidade são expressões concretas da existência, é também a partir desta que se pode descobrir-lhes as significações (...). (BEAUVOIR, s.d., p. 63, 72)

A partir da importância do corpo feminino como sinônimo de luta política, semelhante ao exposto acima por Beauvoir, que Studart inicia sua última obra. Os debates, contidos em *Mulher, a quem pertence teu corpo?*, partem da polêmica gerada pela publicação de uma charge de Ziraldo, no Jornal do Brasil de 26 de junho de 1980, que, se utilizando do slogan feminista “nossos corpos nos pertencem”, reproduzia em seu trabalho uma ativista que, pichando um muro, deixava entrever a frase: “nossos corpos nus pertencem”, o que gerou uma manifestação feminista de repúdio à porta da casa do cartunista. É a partir desta situação que Studart questiona: nossos corpos nos pertencem?

Como resposta, a autora traça uma série de situações sociais e crenças distorcidas que demonstram o quanto o corpo feminino ainda se encontra aprisionado pelo patriarcado, posto que Studart, assim como Beauvoir, ressalta que, durante milênios, os homens exerceram seu poder de comando sobre o corpo feminino. Igualmente, salienta o quanto ainda havia que se caminhar e construir a fim de que se compreendesse o real significado do feminismo, uma vez que afirmativas como: “sou feminina, não sou feminista”, ainda eram bastante comuns entre o público feminino. Este acolhimento por parte da mulher ao conceito de feminilidade, aceitando sem mais o seu destino, tem a ver com a pressão social para que não abandone o lugar do outro, pois, segundo Studart, sem que assumisse sua posição secundária, a mulher correria o risco de parecer “homem” aos olhos do companheiro, deixando de ser interessante para ele, ou seja, não se tornaria mulher por não haver aceitado o pacote da feminilidade passiva.

Para a autora, além dos papéis sociais nascidos para ser irrevogáveis, o corpo feminino ainda está igualmente aprisionado pelos meios de massa que insistem em produzir longos manuais de sexologia para que a mulher possa agradar seu homem, inibindo a mulher de conhecer-se por si mesma. Em outras palavras, qualquer desconhecido poderia revelar o mapa de seu corpo, menos ela mesma. Para além disso, ainda há a maternidade e todas as abnegações dela decorrente: mães abrem mão de tudo, acima de tudo de si mesmas para cumprir seu destino; a rainha não pode deixar seu trono, pois não pode comprometer seu império; mães não são mulheres, são mães, logo abrem mão de sua libido, tornando-se seres assexuados; conseqüentemente: “Pede-se à mãe nada menos do que a anulação, a negação de si mesma” (STUDART, 1990, p. 30).

No segundo volume de *O segundo sexo*, Beauvoir também destaca essa característica de alienação da figura materna:

(...) A mulher encerrada no lar não pode fundar ela própria sua existência; não tem os meios de se afirmar em sua singularidade e esta, por conseguinte, não lhe é reconhecida. Entre os árabes, os índios e muitas populações rurais, a mulher é apenas uma criada, apreciada segundo o trabalho que fornece e substituída sem lamentações caso desapareça. (BEAUVOIR, 1980, p. 294)

Como última instância, para comprovar o sequestro do corpo feminino, Studart abordará o tabu da virgindade, uma vez que moças seguiam sendo expulsas de suas casas por não se guardarem e, do outro lado, as experimentações de uma revolução sexual que, igualmente, não privilegiava as mulheres, forçando-as a adotar comportamentos, sem considerar suas vontades e seus limites, posto que o moderno era entregar-se a vários parceiros, mesmo contra a vontade da jovem. Ressalta também, o quanto jovens seguiam sendo cada vez mais oprimidas pela ditadura da beleza, submetidas a dietas sem sentido para adequar-se a padrões de beleza, ao que a autora observa:

Se nosso corpo fosse realmente nosso e nossa sexualidade autônoma, poderíamos nos reconciliar com nossa aparência física. (...) Se nosso corpo realmente nos pertence, poderíamos tratar de valorizá-lo segundo os nossos próprios critérios. (STUDART, 1990, pp. 35-36)

A autora ainda levantará questões sobre a impossibilidade de satisfação sexual das mulheres de baixa renda e da sexualização permanente das relações entre homens e mulheres, o que corrobora com a construção de uma relação hierarquizada e desigual, reforçando estereótipos naturalizados que associam a poligamia ao homem e a monogamia à mulher. Destaca ainda o prazo de validade para a mulher, tornando-se eternamente assombrada pelo fantasma da velhice e obcecada em manter-se sempre jovem, e o eterno interesse do homem pela juventude da mulher.

Entre tantas questões que aprisionam o corpo feminino, Studart desenvolverá uma terminologia baseada em um conceito muito semelhante ao defendido por Beauvoir em sua primeira parte de *O segundo sexo*. Em palavras de Beauvoir, que retoma o mito de Eva: "(...) Santo Tomás (...) decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser 'ocasional'. É o que simboliza a história do Gênesis em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um 'osso supranumerário' de Adão. A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada como um ser autônomo" (s.d., p. 14).

Assumindo essa proposição como válida para a formação cultural das relações intersexo, Studart aponta os reflexos dessa condição na formação da mulher brasileira, que passa a se crer válida ou completa apenas se aceita e aprovada pelo olhar masculino, fenômeno este denominado pela autora como "mulher-costela", a qual a autora descreve com as seguintes palavras:

(...) A mulher-costela não ousa falar. Não sabe. Esse silêncio sobre seus próprios interesses sexuais têm diferentes motivos. Um deles é esse medo da individualização, de autonomia, de ser realmente outro ser, outra pessoa. Um segundo motivo é o dado cultural. As mães e avós dessas mulheres – mais jovens ou mais velhas – que tentam se liberar nunca expressam em palavras

sua sexualidade. Quando não a negavam totalmente, consideravam que falar disso iria desvalorizá-las diante do marido, igualá-las a prostitutas. O sexo era um dever anônimo, destinado à procriação. (STUDART, 1990, p. 44)

Dada a característica de negação da sexualidade como pilar de nossa cultura, Studart (1990, p. 56) resume sua obra com a seguinte afirmação: “a palavra da mulher – falando do seu corpo – pode ser uma revolução dentro das revoluções”, o que em palavras de Beauvoir seria: a mulher precisa criar autonomia para deixar de ser a sombra, o outro, criando condições de viver por sua própria consciência.

Conclusão:

Como foi possível verificar, as obras de Heloneida Studart trazem em seu cerne contornos bem definidos dos estudos realizados por Simone de Beauvoir, o que comprova a importância e a atualidade de seus escritos para a compreensão da mulher contemporânea e de seus percalços sociais bem como para o diagnóstico de caminhos que lhe devolvam a condição de indivíduos. Não obstante, é importante afirmar que tanto a voz de Beauvoir quanto a de Studart, ainda que estejam inseridas em outro contexto social se considerarmos nosso distanciamento histórico em relação ao momento de produção das autoras, ainda hoje, é possível afirmar que ambas seguem sendo extremamente pertinentes para deslindar novos desafios para a mulher do século XXI.

Em tempos nos quais ainda há quem afirme que “meninas vestem rosa e meninos vestem azul”, como a ministra de Direitos Humanos, Damares Alves, o que é possível conferir em reportagem de Clarissa Pains, de *O Globo*, e que revistas, como a *Veja*, em reportagem assinada por Juliana Linhares, exaltam em suas capas que “mulheres belas, recatadas e do lar” são modelos de conduta, sem contar o arbítrio do boicote dos direitos ao aborto seguro e a cultura do estupro, assuntos infelizmente muito atuais, podemos perceber que resgatar as vozes de ambas autoras é um verdadeiro serviço à sociedade, sobretudo às mulheres.

Referências:

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. São Paulo: Círculo do livro, s.d.

_____. *O segundo sexo 2: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FRIEDAN, B. *A mística feminina*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971. Disponível em: <http://biblioteca-feminista.blogspot.com/2016/04/betty-friedan-mistica-feminina.html>. Acesso em: janeiro de 2019.

LINHARES, J. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. *Veja*, Brasil, 18 de abril de 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 5 de março de 2019.

MILLET, K. *Política sexual*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970. Disponível em: <http://biblioteca-feminista.blogspot.com/2016/04/kate-millet-politica-sexual.html>. Acesso em: janeiro de 2019.

PAINS, C. Menino veste rosa e menino veste azul, diz Damares Alves em vídeo. *O Globo, Sociedade*, 3 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em: 5 de março de 2019.

PIVA, J. Heloneida Studart lutou pelas mulheres como escritora, jornalista e deputada. *O Globo, Em destaque*, 1 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/heloneida-studart-lutou-pelas-mulheres-como-escritora-jornalista-deputada-22136990>. Acesso em 10 de março de 2019.

STUDART, H. *A mulher: brinquedo do homem?*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969.

_____. *Heloneida Studart (depoimento, 1999)*. Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 2003.

_____. *Mulher, a quem pertence teu corpo?*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____. *Mulher: objeto de cama e mesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

_____; CUNHA, Wilson. *A primeira vez... à brasileira*. Rio de Janeiro: Nossos Tempos, 1975.

Recebido em: 10/Ago/2019 - **Aceito em:** 09/Dez/2019.